VIC E MOLECO EM
ÁGUAS
LIMPAS

D259v D'Ávila, Régis J.
Vic e Moleco em águas limpas /Régis Jacques D'Ávila; ilustrações Luana Nachtigall. Rio de Janeiro: edição do autor, 2018.

I. Literatura infantojuvenil I. Nachtigall, Luana. II. PAESA - Programa de Apoio e Educação em Saúde Ambiental.

Presidente FUNASA
Ronaldo Nogueira de Oliveira

Diretoria Departamento de Saúde Ambiental (Desam)
Ociléia Fernandes Carneiro

Coordenação de Educação em Saúde Ambiental (Coesa)
Hamilton dos Santos Goes

Superintendência Estadual da Funasa no Amapá (Suest/AP)
Girlene Picanço Chucre

Reitor UFF
DSc. Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Coordenação Geral UFF
DSc. Estefan Monteiro Fonseca

Coordenação Técnica Executiva, Institucional e Pedagógica UFF
Msc. Jefferson Fernandes

Autor
Régis D'Ávila

Ilustração
Luana Nachtigall

Revisão
MSc. Jefferson Fernandes

Supervisão artística
Moa Digital

APRESENTAÇÃO

Como alguns hábitos influenciam diretamente na qualidade do ambiente, da água e na saúde pública local?

Conheça Vic e Moleco, nossa dupla de aventureiros, uma Vitória Regia e um rã-macho, que se conhecem em uma situação inusitada e ficam amigos, com um objetivo comum: procurar um local com águas limpas para viverem com maior qualidade de vida. A partir daí, a aventura dos dois começa pelo estado do Amapá. Nesta aventura, eles fazem diversos amigos e se veem em situações insalubres que colocam em risco a saúde deles, de outros animais e também dos seres humanos.

Assim, começam uma missão maior: ajudar os humanos a recuperar e preservar tão precioso recurso natural, a água! E quem os ajudarão neste importante compromisso?

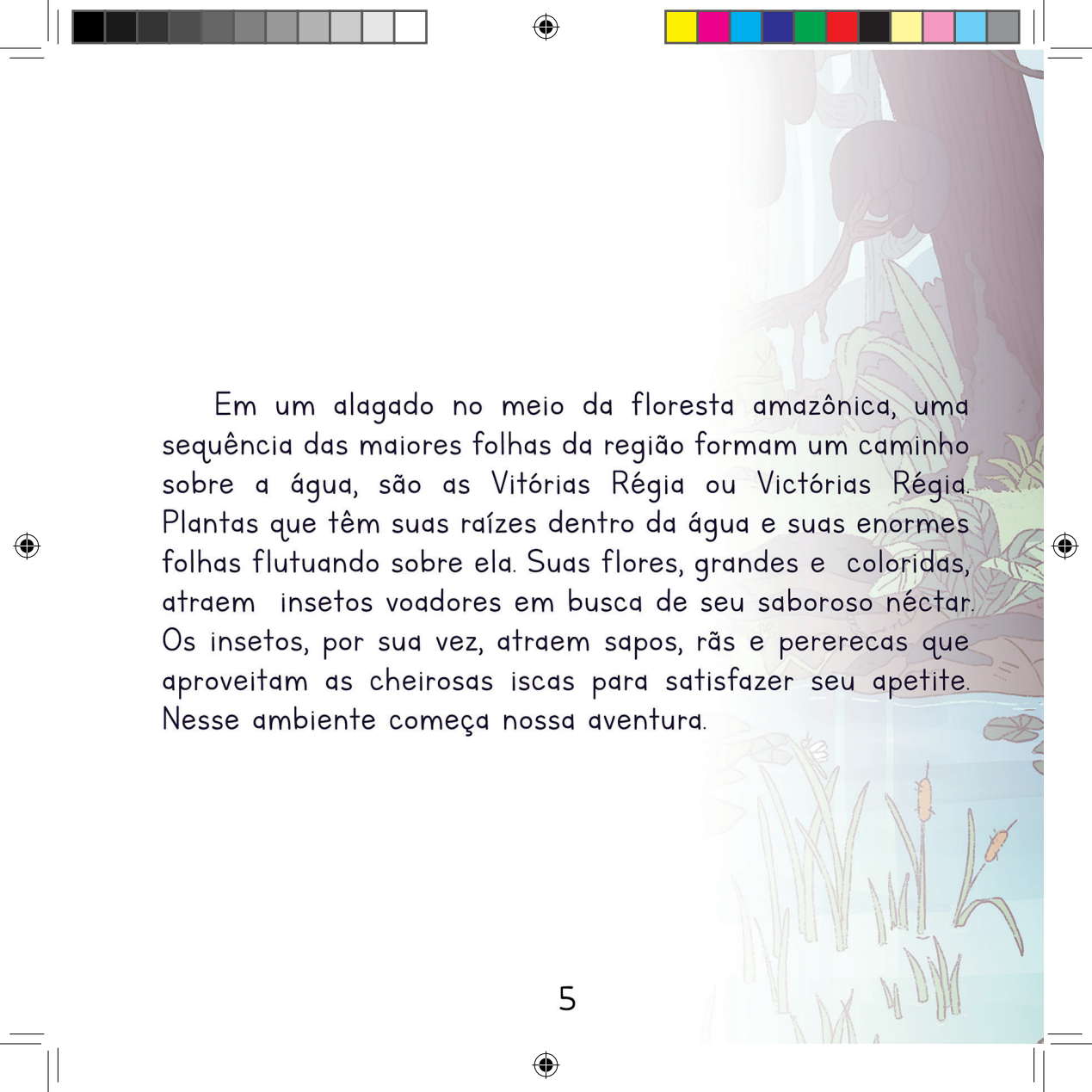
E, você, leitor, será ainda o terceiro protagonista desta incrível história. Somente você decidirá como ela acaba.

A proposta desta história é trabalhar participativamente a construção de soluções para a melhoria da qualidade da água e da saúde ambiental para a sua realidade.

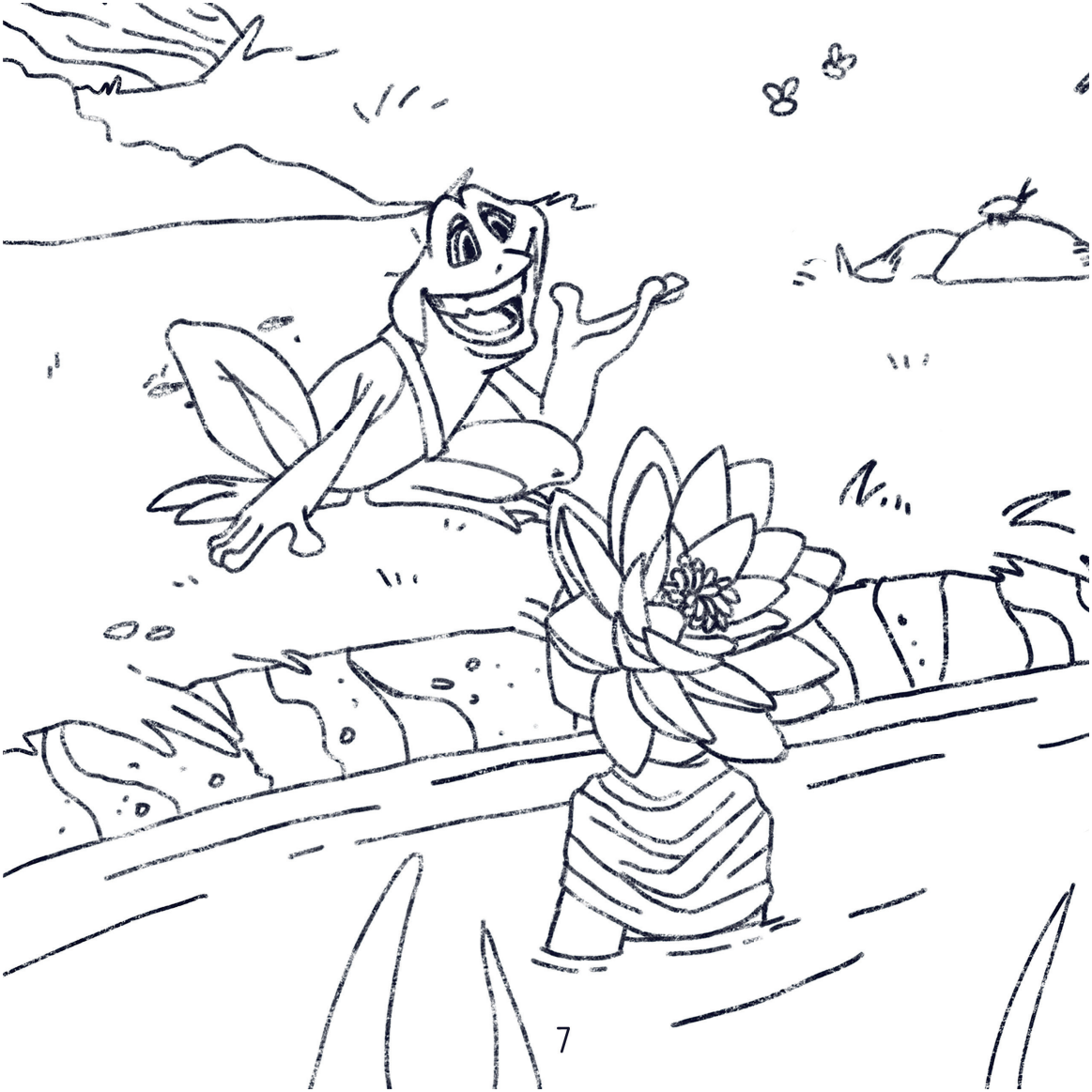
Tenha uma grande aventura com Vic e Moleco!

PAESA
Programa de Apoio e Educação em Saúde Ambiental

VIC E MOLECO EM
ÁGUAS LIMPAS



Em um alagado no meio da floresta amazônica, uma sequência das maiores folhas da região formam um caminho sobre a água, são as Vitórias Régia ou Victórias Régia. Plantas que têm suas raízes dentro da água e suas enormes folhas flutuando sobre ela. Suas flores, grandes e coloridas, atraem insetos voadores em busca de seu saboroso néctar. Os insetos, por sua vez, atraem sapos, rãs e pererecas que aproveitam as cheirosas iscas para satisfazer seu apetite. Nesse ambiente começa nossa aventura.



CAPÍTULO 1

Começa uma amizade

Certo dia, quando estava pronto para capturar um besouro, um rã-macho pulou em cima da folha de uma Victória Régia, ouviu-se um gemido. O rã, sem saber o que fazer, permaneceu no lugar.

- Sai de cima de mim! Falou a planta. O rã, sem entender nada, continuou ali.

- Por favor, sai. Implorou a Victória Régia, com uma voz fraca, parecendo doente.

O animal, curioso, questionou:

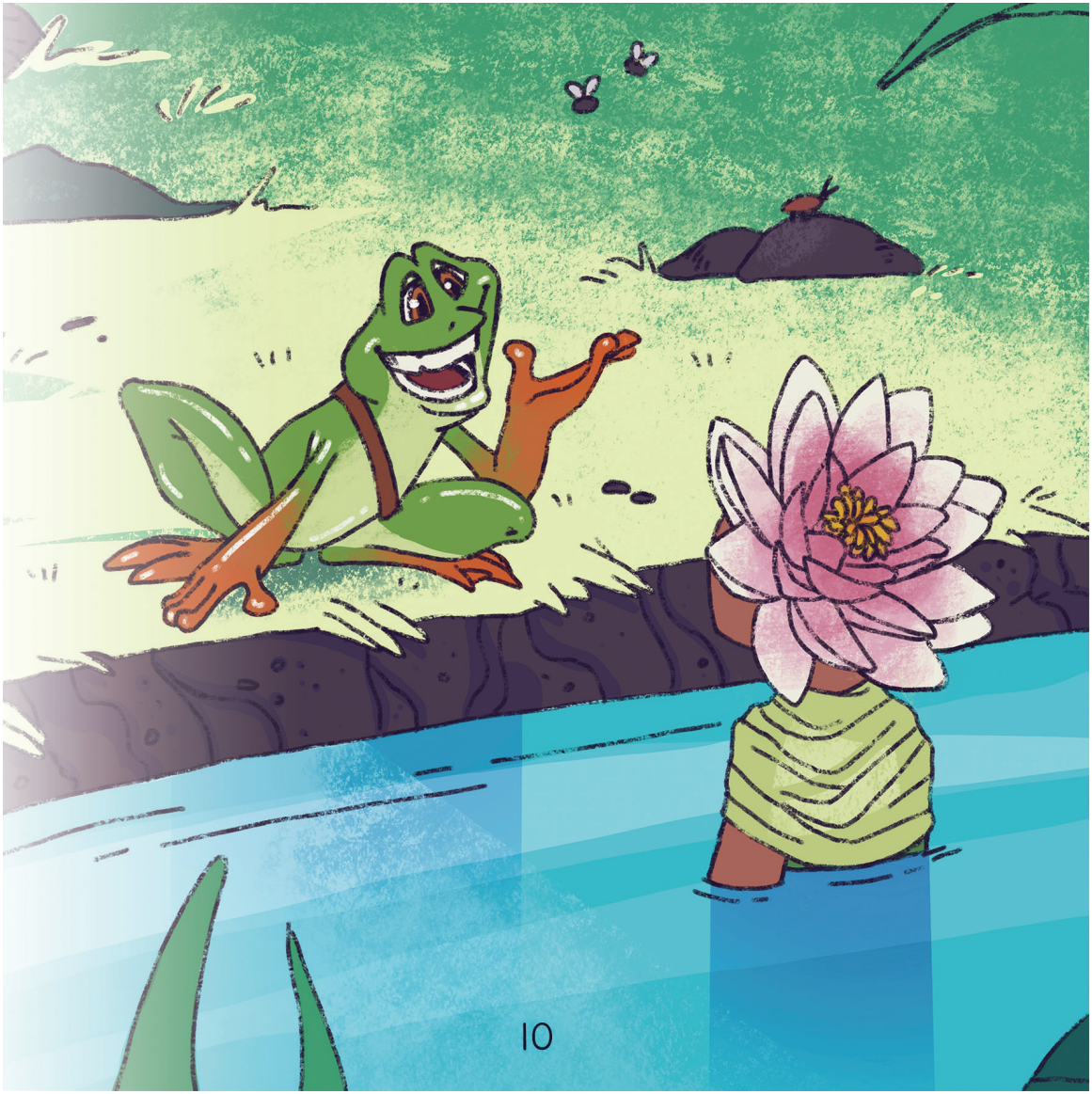
- Ué, o que aconteceu? Sempre pulo nas folhas de vocês atrás de insetos e nunca ouvi reclamações.

- É que não me sinto bem. Reclamou a planta que apoiava o anfíbio. Mas ele não saiu, pois não encontrava por perto nenhum outro lugar para ficar que não provocasse sua passagem pela água.

- Você é um sapo. Vai para a água. Indicou a voz fraca.

- Não, não sou um sapo, sou um rã. E nessa água eu não entro. Disse o rã-macho parecendo bravo.

Dessa vez foi a planta que não entendeu nada. Então, o anfíbio, da ordem dos anuros, explicou que aquele alagado estava contaminado e ele só entrava em águas limpas.



A água não precisava estar transparente, nem mesmo clara, desde que não estivesse contaminada. E era assim com todos os anfíbios. Por isso, pulavam de planta em planta, evitando aquela água. A planta, que também era conhecida como Aguapé-assú, Jaçanã e Irupé, ficou bastante confusa. Mas, por precaução e com certo esforço, foi em direção à margem para que o animal pudesse sair de cima dela. Já em terra firme, o rã agradeceu e fez um comentário:

- Olha, Dona Régia, observando esse seu mal estar e conhecendo essas águas, acredito que a senhora deva estar assim pela contaminação desse córrego.

Olhou para os lados, pensou um pouco e completou:

- Por que não vem comigo em busca de um lugar mais limpo para viver? Desculpe, ainda não perguntei: qual o seu nome?

Numa mistura de indignação pela constatação de que seu lar estava contaminado e de surpresa com o estranho convite, a planta respondeu:

- Está contaminado? Que triste... Bom, primeiramente, me chamam por muitos nomes, mas eu prefiro que me

chamem de Vic. Além disso, eu tenho medo de sair daqui. Não sei o que pode me acontecer em um lugar desconhecido.

O anfíbio insistiu:

- Vic, não precisa ter medo. Quem sabe você experimenta sair da água agora, assim, talvez, entenda o que quero dizer.

A Victória Régia olhou seu entorno, deu uma mexida em suas folhas, criou coragem e saiu da água. Fora d'água, ela se sacudiu, como um cachorrinho que saiu do banho.

- Ai que alívio, já me sinto melhor. Você tinha razão seu... sapo?

- Pode me chamar de Moleco. Todo mundo me chama de sapo Moleco, mas na verdade eu sou um rã-macho. Respondeu o anfíbio, com um leve sorriso na boca. A Victória Régia deu uma risadinha e comentou.

- Entendi. Te chamam de Moleco porque você é meio... mole.

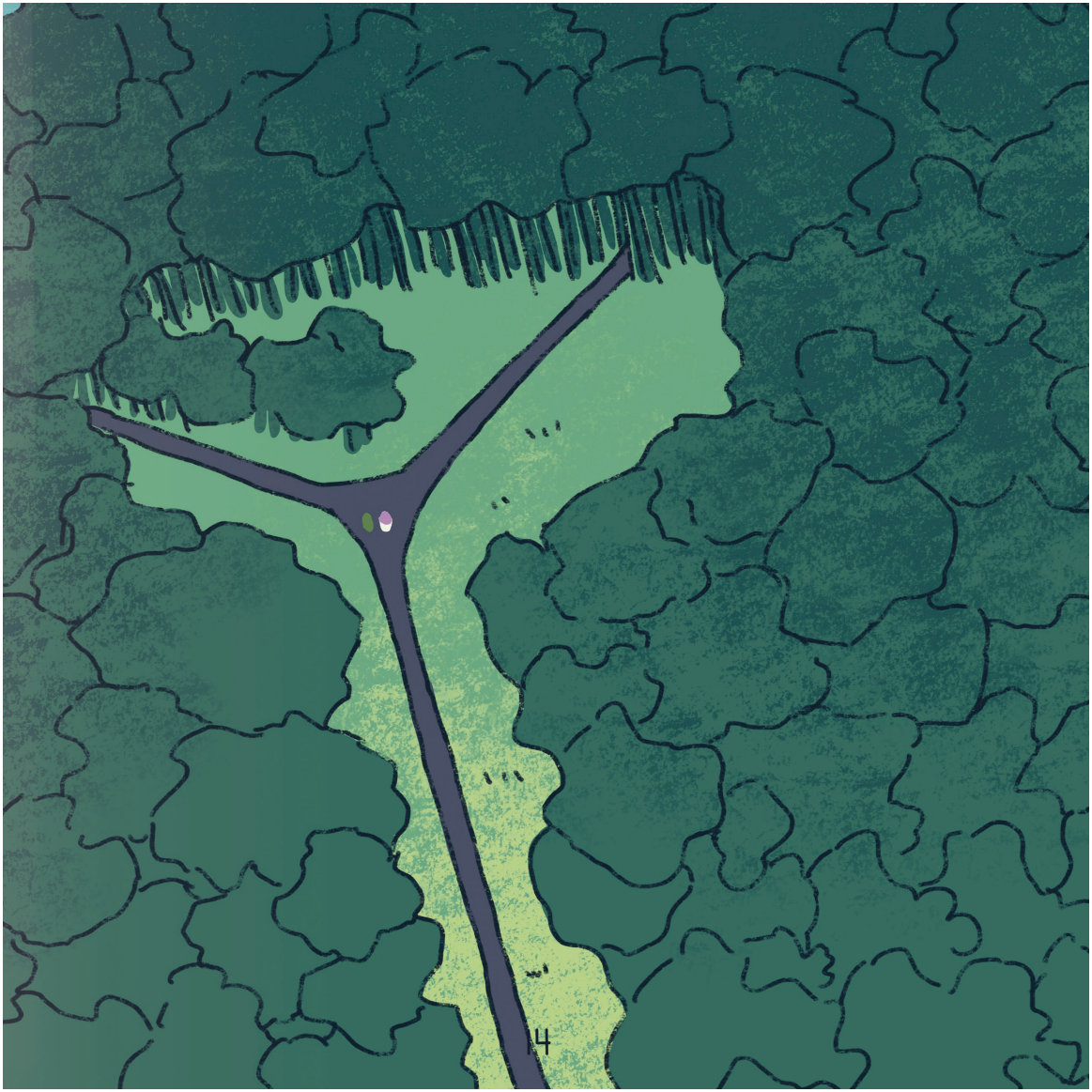
Moleco reagiu:

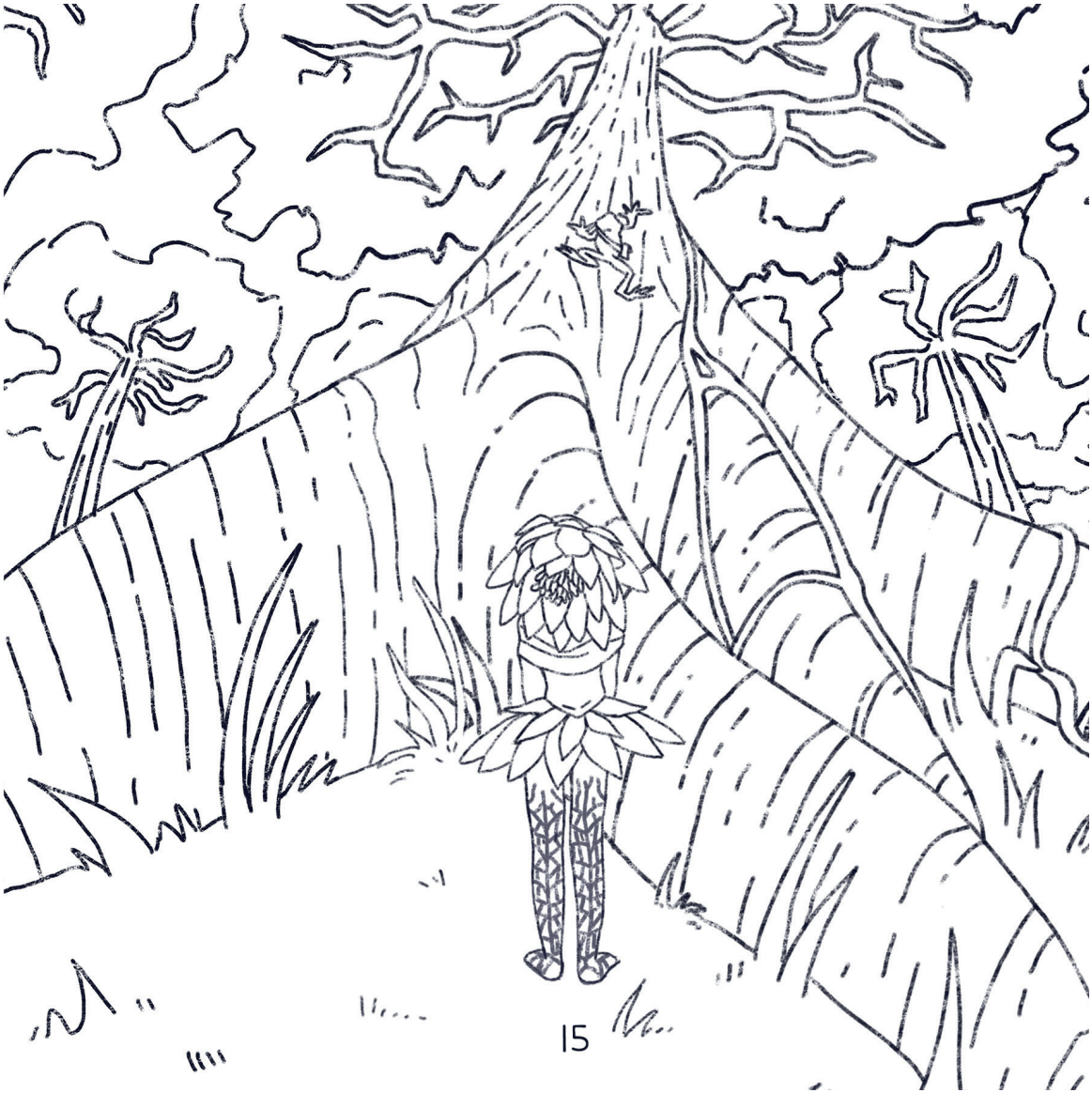
- Sou mole é? Então quero ver me acompanhar! E deu um enorme salto, já em direção a uma clareira que se

afastava de onde estavam.

- Venha. Vamos encontrar águas mais limpas.

Vic deu um sorriso, ajeitou suas folhas e seguiu na direção de seu novo amigo. Eis que começava a aventura de Vic e Moleco em busca de águas limpas para viver. O que eles não sabiam é que não seria fácil.


4



CAPÍTULO 2
A anta sabida
16

Os novos amigos, empolgados com a possível descoberta de águas limpas, seguiam o caminho deixado por animais maiores que, normalmente, abrem espaços na floresta. Vic, agora afastada de águas contaminadas, aparentava muita saúde e revelava ser bem jovem. Em certo momento ela alertou:

- Moleco, não podemos demorar muito para encontrar águas limpas, pois não posso ficar fora d'água tanto tempo.

- Claro, pois se não encontrarmos vou ter que te chamar de "Derrota".

- Derrota? Estranhou Vic.

- Sim, pois se não conseguir vencer este desafio, terá que chamar-se "Derrota Régia"! Respondeu o rã, caindo na gargalhada. A planta não achou graça. "Derrota Régia?" Era só o que faltava.

Mas ela não ficou séria só por não gostar da piada, mas também por ter imaginado como seria ruim se não encontrassem águas limpas naquela imensa floresta. Mais adiante, quando pararam para descansar, Moleco resolveu subir numa Samaúma, a maior árvore da floresta amazônica.

Ele queria encontrar algum lago ou riacho por perto. Então usou toda sua habilidade com saltos e rapidamente chegou a um galho bem alto.

- *Acheil* Gritou o rã ao avistar um pequeno açude de águas barrentas a uns cem metros dali. Com muito medo que seu amigo caísse de um lugar tão alto, Vic esperava ansiosa ao pé da árvore.

Quando Moleco finalmente desceu, ela comemorou e, sem perder tempo, disse:

- Vamos logo então. Ora, onde já se viu, um sapo subindo em árvores desse jeito, seu... "sapo maluco".

- Não, é sapo, é rã. E não é maluco, é Moleco. Disse o anuro sorrindo e indicando o caminho que deveriam tomar. Logo chegaram ao poço. Observaram que não havia nenhuma planta dentro da água, somente ao redor. Os dois desconfiaram que ali não seria o lugar que procuravam, devia estar contaminado também. Mas só saberiam se experimentassem a água.

- Eu não vou entrar, eu tenho medo Moleco.

- Tudo bem, eu entro. Afirmou o rã. ***Mas tem uma coisa... pode ser que a água esteja limpa para mim e para você não, afinal, somos diferentes e reagimos de formas diferentes à água contaminada.***

- Mas eu tenho medo. Repetiu a planta.

- Eu entendo, mas podemos entrar juntos. Eu te dou a mão e, se você se sentir mal, eu ajudo a sair.

Mais uma vez a jovem Vic respirou fundo e resolveu enfrentar seus medos. Porque ela queria ser a Victória Régia e não a Derrota Régia. Já com a pele ressecada, por tanto tempo afastados da água, os dois deram as mãos e entraram na água. Então... eles se deliciaram num banho refrescante. Foi quando Vic sentiu uma leve tontura.

Na mesma hora Moleco sentiu uma forte coceira em sua pele. Os dois saíram correndo da água. A alegria tinha durado pouco. Enquanto Vic tirava a água do corpo, coçava as costas de seu amigo. Mas ele não perdeu o bom humor:

- Pelo menos ganhei uma coçadinha.

Foi quando apareceu, do outro lado do poço, uma anta. Ela se aproximou calmamente da água e se inclinou para bebê-lá. Quando já ia encostar no líquido, Vic e Moleco gritaram do outro lado:

- Não! Não faça isso "Dona Anta".

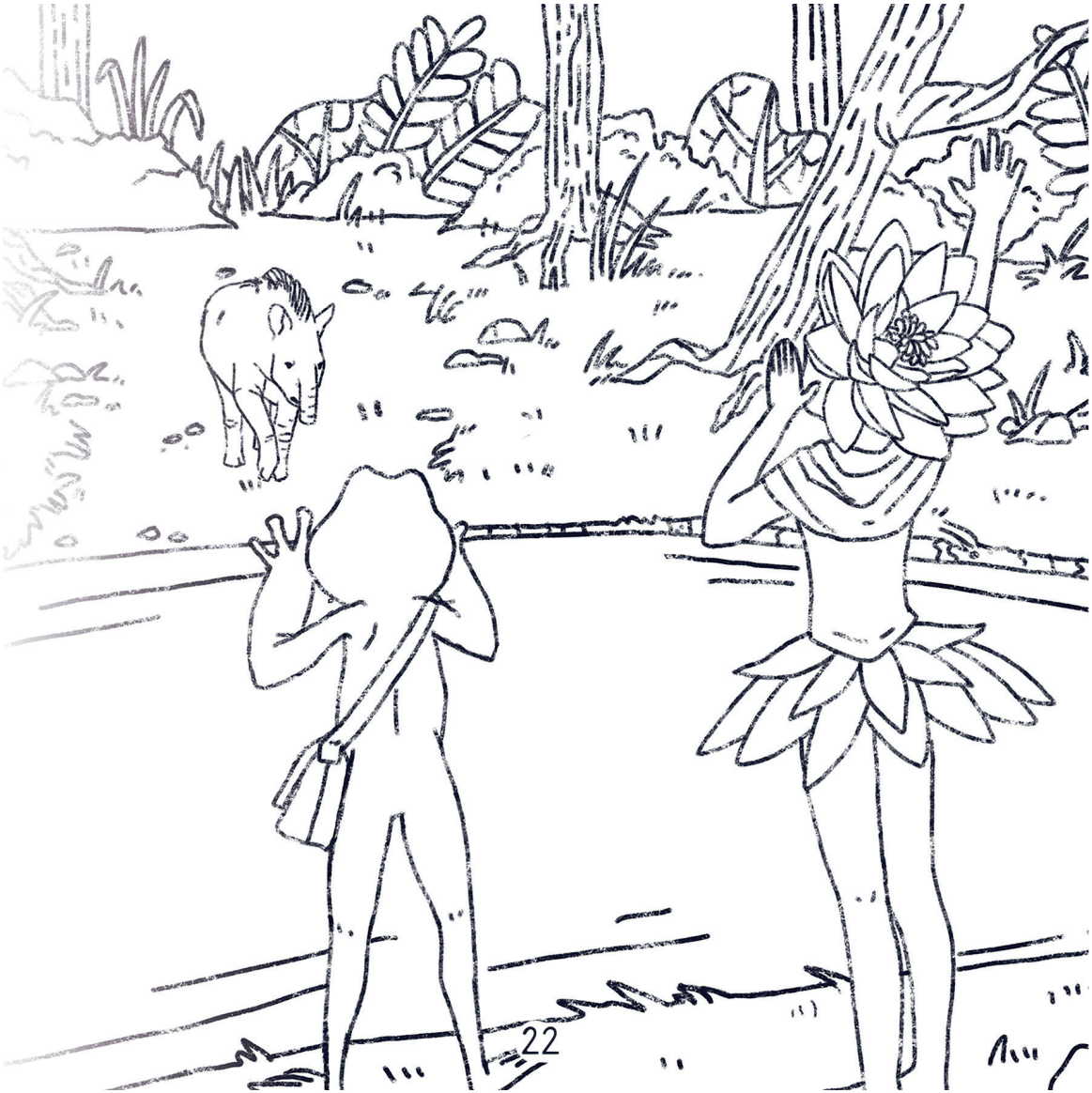
O mamífero olhou vagarosamente para a dupla e, no mesmo ritmo, voltou para sua ação interrompida e começou a tomar água. Moleco insistiu:

- Não tome dessa água, ela está contaminada com alguma coisa que faz mal para os animais.

A anta continuou a beber.

- Mas é uma "anta" mesmo. Finalizou o anfíbio já bravo com o mamífero. Depois de alguns minutos tomando água e sendo observada, a anta olhou para a dupla e disse:

- Muito obrigado por tentarem me avisar sobre essa água, mas eu não tenho outro lugar para saciar minha



sede, venho aqui todos os dias e essa água quase nunca me fez mal. Vocês sabem né... que as contaminações podem ser de diversos tipos e podem gerar reações diferentes em cada ser vivo. Inclusive, podem fazer mal para alguns e para outros não.

A dupla de amigos ficou admirada com a sabedoria da anta. Moleco, envergonhado, pediu desculpas para "Dona Anta" por ter usado seu nome querendo ofendê-la. Por sua vez, Vic quis aproveitar a sabedoria do Tapirus e perguntou sobre as doenças que as águas contaminadas poderiam provocar. A anta, já indo embora, foi falando:

- Ih mocinha, são tantas doenças que podem vir da água: Esquistossomose, leptospirose, febre tifóide... mas quem mais sofre com elas são os humanos...

E desapareceu no meio da mata.

Admirados com a existência de tantas doenças vinculadas à água, Vic e Moleco ficaram conversando entre si, tentando entender a situação. O assunto era tenso, mas o rã brincalhão não deixou de aprontar:

- Olha Vic, quanta doença... "Esquisitos somos nozes".

- Esquistossomose.

- "Lebre espirra e tosse".

- Leptospirose.

- "Ferve o piquenóide".

- Febre tifóide... Moleco, isso não é hora de brincadeiras. O assunto é sério. Parece um... moleque.

- Não é moleque... é Moleco. Respondeu o rã.

Enquanto ele ainda ria dos próprios trocadilhos, ela desenvolveu uma teoria.

- Já sei Moleco. Para encontrarmos águas limpas, temos que descobrir como elas ficam sujas e contaminadas. E você ouviu a anta: quem sofre mais com as doenças são os humanos. Logo, temos que ir na direção deles pra poder entender tudo isso melhor.

- Legal, eu sei onde alguns deles ficam. E o mais legal, é que lá tem bastante mosquitos para eu comer.

Então os dois seguiram adiante, com Moleco na frente indicando o trajeto. Enquanto caminhavam, Vic refletia sobre as palavras da anta: "Quem mais sofre com as doenças são os humanos"... ela nunca tinha visto um humano. Só ouvia falar de como eles estragavam a natureza sujando os rios e destruindo áreas enormes da floresta.

CAPÍTULO 3

O rio e o poeta

Logo a dupla chegou à beira de um grande rio com forte correnteza. Era o rio Araguari.

- Ih, esqueci desse detalhe Vic, tem um rio no caminho. Alertou Moleco. Vic olhou para o seu guia numa mistura de tristeza e frustração. Sentou-se e ficou apreciando a beleza daquela enorme quantidade de água que passava.

- Eu não posso ficar nessas águas Moleco. Tem muita correnteza, minhas raízes não conseguem se firmar no fundo. Aliás, nem atravessar eu consigo.

Moleco ficou um tempo em silêncio e disse:

"No meio do caminho tinha um rio
Tinha um rio no meio do caminho
Tinha um rio
No meio do caminho tinha um rio

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha um rio
Tinha um rio no meio do caminho
No meio do caminho tinha um rio."

Admirada, Vic comenta para si mesma:

- Falei que esse sapo está mais pra maluco do que para Moleco.

- Isso é poesia, minha querida flor.

Vic sorriu, pensou por algum tempo e começou a cantar:

"Como pode o peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como pode o peixe vivo
Viver fora da água fria?

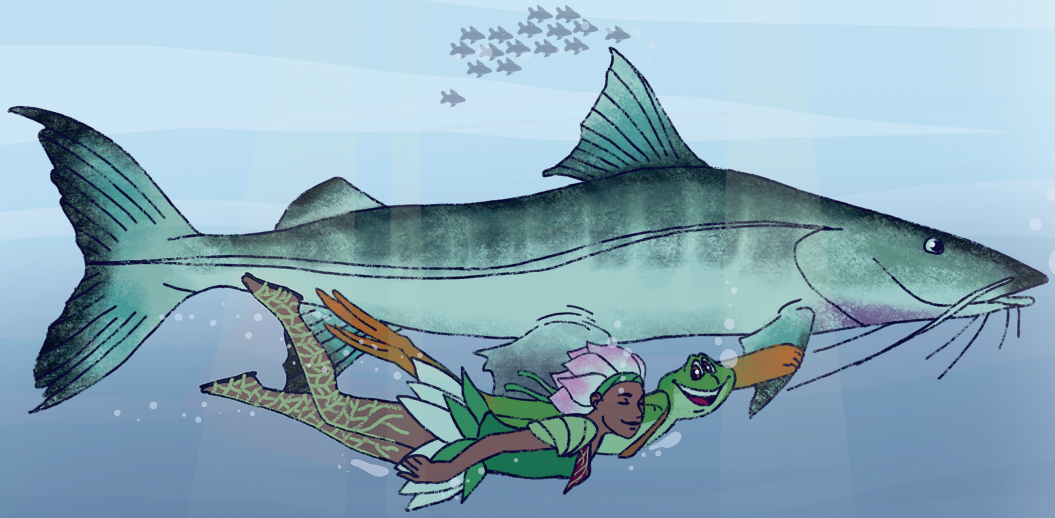
Como poderei viver?
Como poderei viver?..."

- Já sei! Exclamou a Victória Régia levantando num salto.

- Você mergulha e pede ajuda para um peixe. Ele pode nos puxar até a outra margem do rio.

Moleco adorou a ideia, apesar de não conseguir respirar debaixo d'água, conseguia trancar sua respiração por um bom tempo. Por isso, rapidamente, ele mergulhou e desapareceu nas águas escuras do rio Araguari. Quando Vic começava a ficar preocupada, seu amigo surgiu de dentro d'água, já se aproximando da margem.

- Vem Vic, consegui a ajuda de um peixe Piraíba.



Vic, que antes tinha medo de se arriscar, agora já enfrentava seus temores com convicção. Ela pulou na água, agarrou na mão do amigo e autorizou a partida. Rapidamente, o enorme Piraíba levou a dupla até a outra margem do rio. Já em terra firme, o rã agradeceu ao peixe e perguntou como estava a qualidade da água daquele rio. O peixe deu sua resposta com certo desalento.

- Aqui temos muita poluição. Os humanos jogam seus esgotos cheios de sujeiras e doenças no rio. Atiram objetos que não se decompõe com o tempo, como pneus, sacolas, garrafas e até fraldas. E o pior, largam aqui o resto de mercúrio dos garimpos... E esse metal se entranha em nós peixes. Quase não dá mais pra viver aqui. Vic, muito assustada pergunta:

- Que horror, os humanos são tão cruéis assim com a natureza?

- Nem todos, mas alguns já bastam para estragar tudo. E o mais inacreditável é que depois de tudo isso, eles tomam dessa mesma água onde despejam seus esgotos. Boa sorte na busca de vocês. Disse o peixe Piraíba se despedindo.

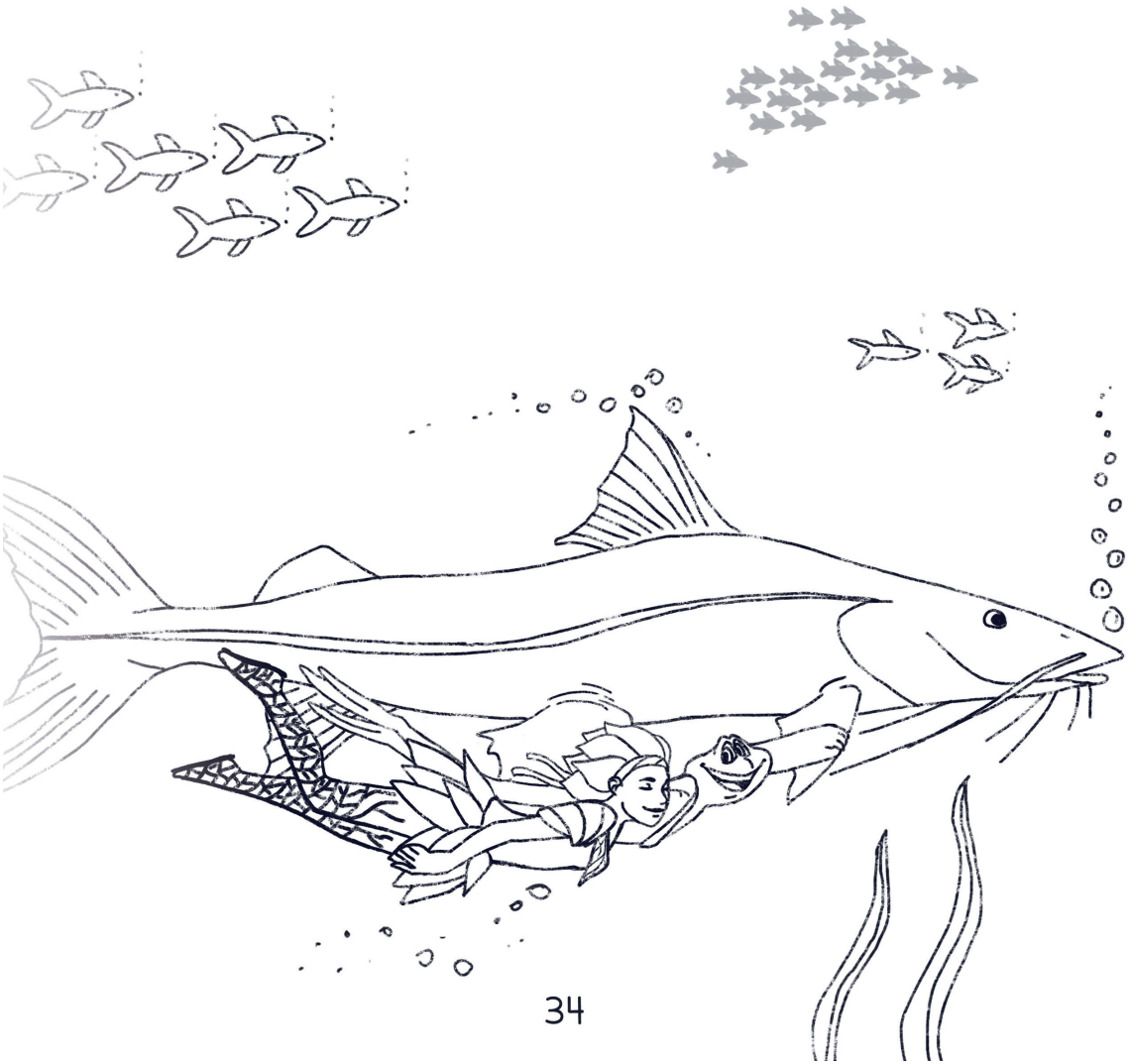
Vic ficou estupefata com as afirmações do morador daquele enorme rio, pois mesmo com tanta água, ele sentia no próprio corpo os problemas provocados pelos humanos. No entanto, algumas das palavras ditas pelo animal aquático, não faziam parte do vocabulário da planta.

- Moleco. O que é "esgoto"?

- Esgoto é uma mistura de água com as sujeiras dos humanos, os restos deles. Por ser uma planta não sei se você vai entender... nós animais, temos que comer... a comida entra, se transforma em nutrientes e energia, e a sobra... sai. O esgoto é essa sobra humana misturada com outras sobras sólidas e líquidas. Respondeu Moleco sem saber se tinha sido claro.

- Hum, entendi.

Agora as palavras do peixe se somavam às da anta no pensamento de Vic, que tentava entender porque as águas eram contaminadas pelos humanos com algo que fazia mal pra ela, para os animais e para os próprios humanos. Enquanto isso, Moleco se preocupava em encontrar o local onde os humanos viviam.

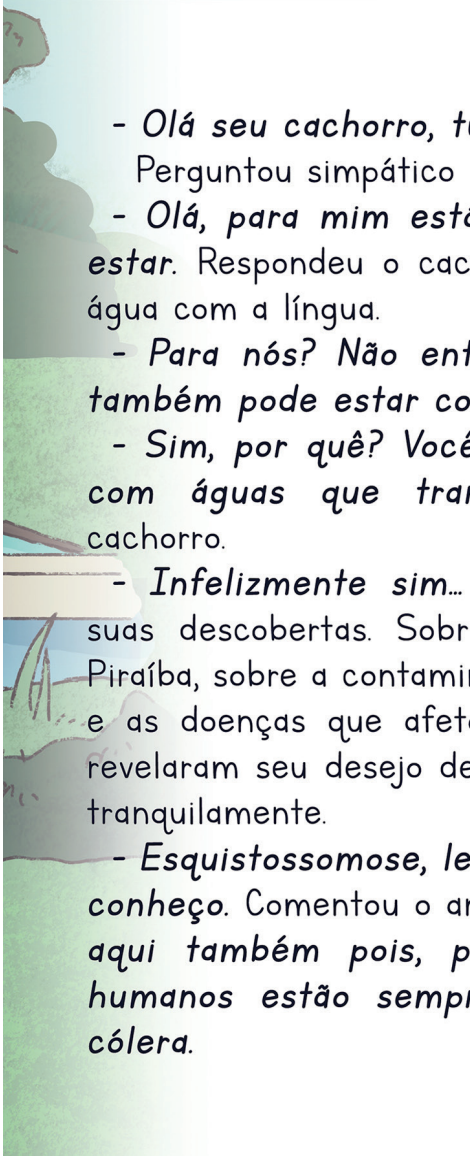


CAPÍTULO 4

O buraco d'água

Vic e Moleco estavam em busca de mais informações sobre a contaminação das águas, justamente para encontrar um lugar diferente, uma região com águas limpas para viver. Finalmente, chegaram nas redondezas de um vilarejo. Com o cuidado de não serem percebidos pelos moradores do local, a dupla de amigos observava a relação daqueles humanos com a água. Entre as casas maiores, havia uma casinha bem pequena, onde só entrava uma pessoa por vez. Dela, saía um filete de um líquido fedorento, que ia até um pequeno açude que ficava um pouco afastado dali. A água do buraco parecia bem limpa e, por vezes, viam-se pessoas retirando ela com baldes e garrafas. Alguns usavam a água ali mesmo, para beber ou lavar alguma coisa, outros levavam a água para sua casa. Também dava para ver alguns canos que estavam com uma ponta dentro da água e seguiam em direção ao vilarejo.

Enquanto a dupla de amigos observava, um cachorro, bem magro, se aproximou para tomar água. Vendo aquela cena familiar, o rã e a planta foram falar com o cão.



- Olá seu cachorro, tudo bem? Está boa essa água? Perguntou simpático Moleco.

- Olá, para mim está boa. Para vocês não sei se vai estar. Respondeu o cachorro antes de começar a puxar a água com a língua.

- Para nós? Não entendi. Quer dizer que essa água também pode estar contaminada? Indagou Vic.

- Sim, por quê? Vocês já encontraram outros lugares com águas que transmitem doenças? Perguntou o cachorro.

- Infelizmente sim... Então, os amigos contaram sobre suas descobertas. Sobre seu encontro com a anta e o Piraíba, sobre a contaminação das águas por onde passaram e as doenças que afetam plantas, animais e humanos. E revelaram seu desejo de encontrar águas limpas para viver tranquilamente.

- Esquistossomose, leptospirose e febre tifóide eu não conheço. Comentou o animal doméstico. *Mas deve ter por aqui também pois, pelo que vejo e ouço falar, os humanos estão sempre doentes, principalmente com cólera.*

- *Humano com "colêra"?* Estranhou Moleco.

- *Não é "colêra", é cólera.* Respondeu o cachorro. *"Coleira" é o que uso no pescoço. Cólera é uma doença que os humanos pegam e que provoca diarréia, vômito e até morte.*

- *Diarréia? O que é isso?* Perguntou a planta, esperando uma resposta, tanto do cachorro, quanto do parceiro de viagem.

- *Lembra que te falei que os animais colocam pra fora a sobra da comida? Então, diarréia é quando o que sobra sai líquido, ao invés de pastoso.* Tentou explicar Moleco.

- *Parece nojento.* Comentou Vic.

- *Sim, até porque, depois, esse líquido vai pro esgoto,* completou o cachorro que aproveitou para explicar que naquele vilarejo o esgoto era jogado em qualquer lugar e se espalhava quando chovia. Então, acabava chegando até o poço onde pegavam água para tomar, cozinhar e lavar alimentos. O cão achava que essa era a causa de estarem sempre doentes, pois tomavam água com o resto de esgoto de quem tinha estado enfermo.

Apavorada com a situação, Vic refletiu:

- Que horror. Quer dizer que eles não podem tomar desta água.

Moleco, tentando descontrair:

- Ou os humanos poderiam dar mais atenção onde largam seus rejeitos, o seu cocô.

- Cocô? É assim que os animais chamam a comida que seu corpo não aproveita? Perguntou Vic, rindo.

- Cocô, caquinha, titica. Completou Moleco, também dando risada. O vira-latas interrompeu a diversão.

- Vocês riem, mas o assunto é sério. Eu não fico doente, não pego cólera, mas muitos humanos ficam doentes.

- Está certo. Mas, infelizmente, são eles mesmos que espalham isso. Será que não teria como evitar o contágio de doenças pela água? Refletiu a Victória Régia.

- Isso eu não sei. Com licença que está na hora de catar uns ossos. Tchau. Respondeu o cachorro indo embora na direção do vilarejo.

CAPÍTULO 5

Águas limpas

Finalmente, Vic e Moleco já tinham informação suficiente sobre a contaminação das águas. Conheciam algumas das causas que provocavam a poluição e a transmissão de doenças através da água. Sabiam que eram os humanos que provocavam tudo isso, largando dejetos, esgotos, produtos químicos e lixos nos córregos, nos rios e nos mares.

Nesse momento, a dupla de amigos também já sabia que diversas doenças podiam ser transmitidas pela água, como febre tifóide, cólera, esquistossomose e leptospirose. E que algumas dessas doenças poderiam atingir, ou se manifestar, em alguns animais ou pessoas. Já em outras, poderiam não aparecer, mas mesmo assim serem transmitidas.

A planta e o rã-macho tinham descoberto tudo isso, mas um sentimento mexia com eles: a tristeza de não poder fazer nada para mudar. Só quem poderia mudar alguma coisa seriam os próprios humanos, justamente os mais atingidos pelas doenças.

- ***Por que será que não mudam isso?*** Refletia Vic.

- ***Também não entendo***. Respondeu Moleco cabisbaixo. ***Mas de uma coisa eu sei, ainda precisamos encontrar águas limpas para viver.***

- Isso Moleco, vamos continuar nossa busca. E quando conseguirmos um lugar para nós, vamos dar um jeito de descobrir como ajudar os humanos. Falou com energia a Victória Régia. Então, o anfíbio mudou de semblante, colocou um sorriso no rosto e disse:

- Vamos. Vamos encontrar águas limpas. E eu sei onde encontrar. Vamos costear o rio em direção à sua nascente.

- Claro Moleco, vamos onde as águas ainda não foram infectadas pelos humanos. Bem longe da civilização. Lá encontraremos um novo lar.

- Sim, com água limpa e muitos besouros.

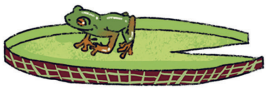
Vic sai na frente, saltitante e empolgada.

- Vamos sapo molengo!

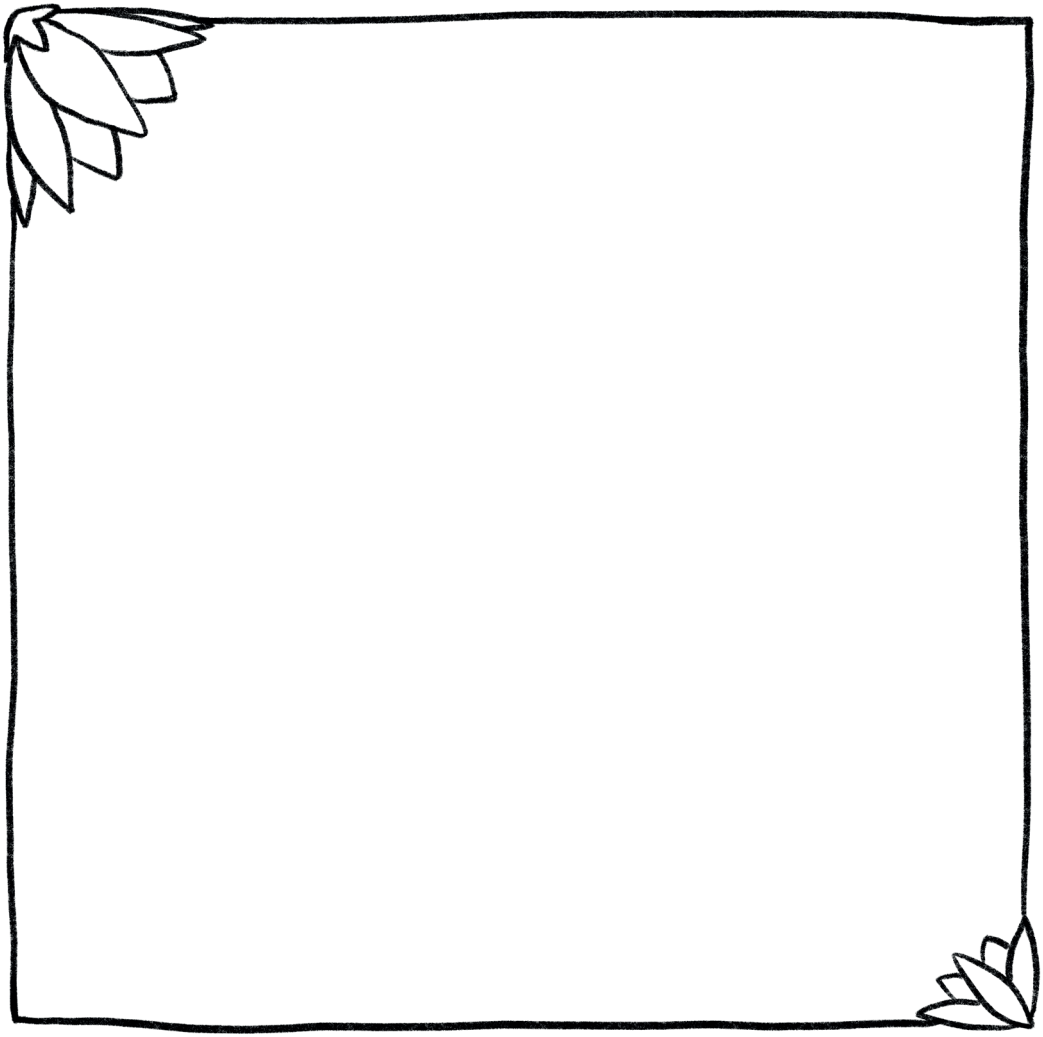
- É sapo Moleco! Ops, rã Moleco!

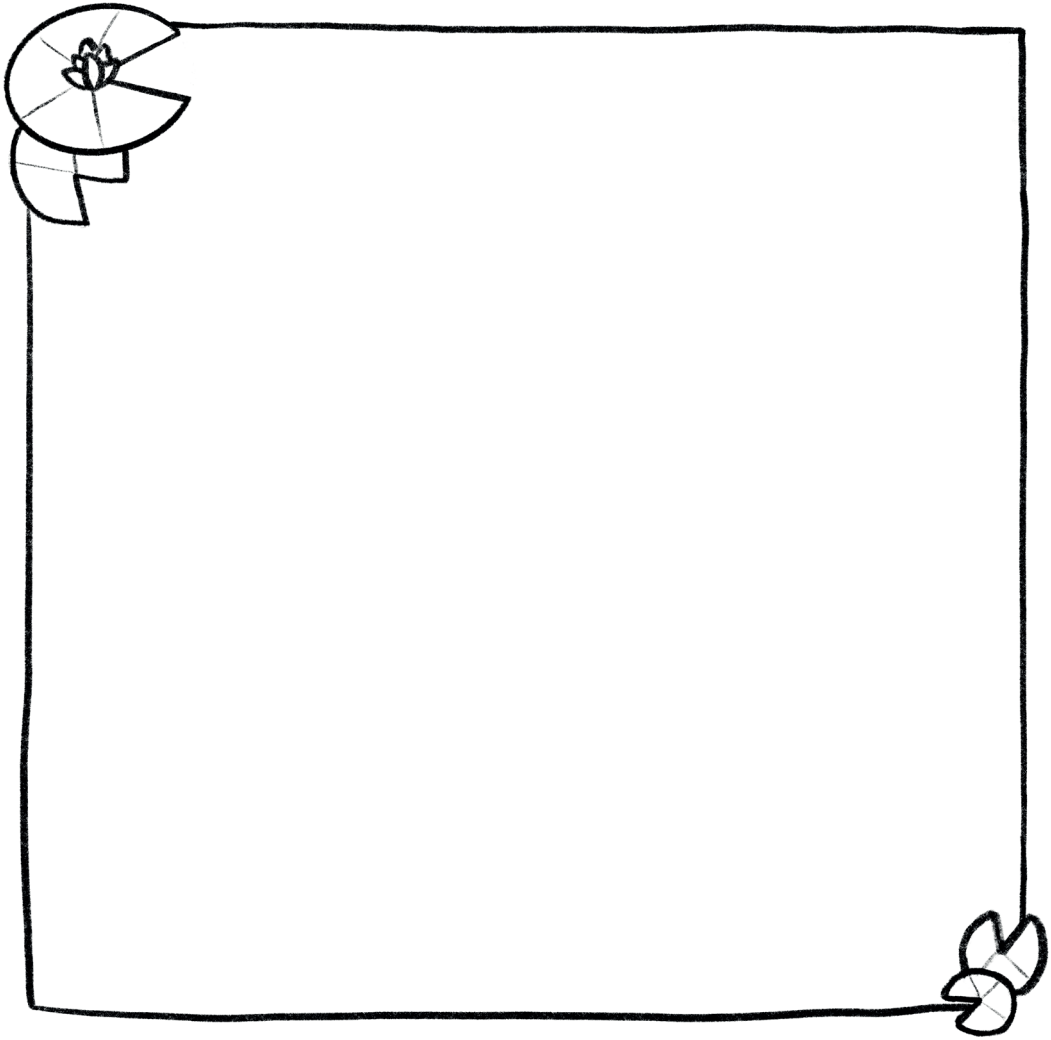
E os dois partiram em direção à nascente do rio na esperança de encontrar um lugar com águas limpas, onde poderiam finalmente descansar e, talvez, descobrir como ajudar os humanos a preservar sua fonte de vida: a água.

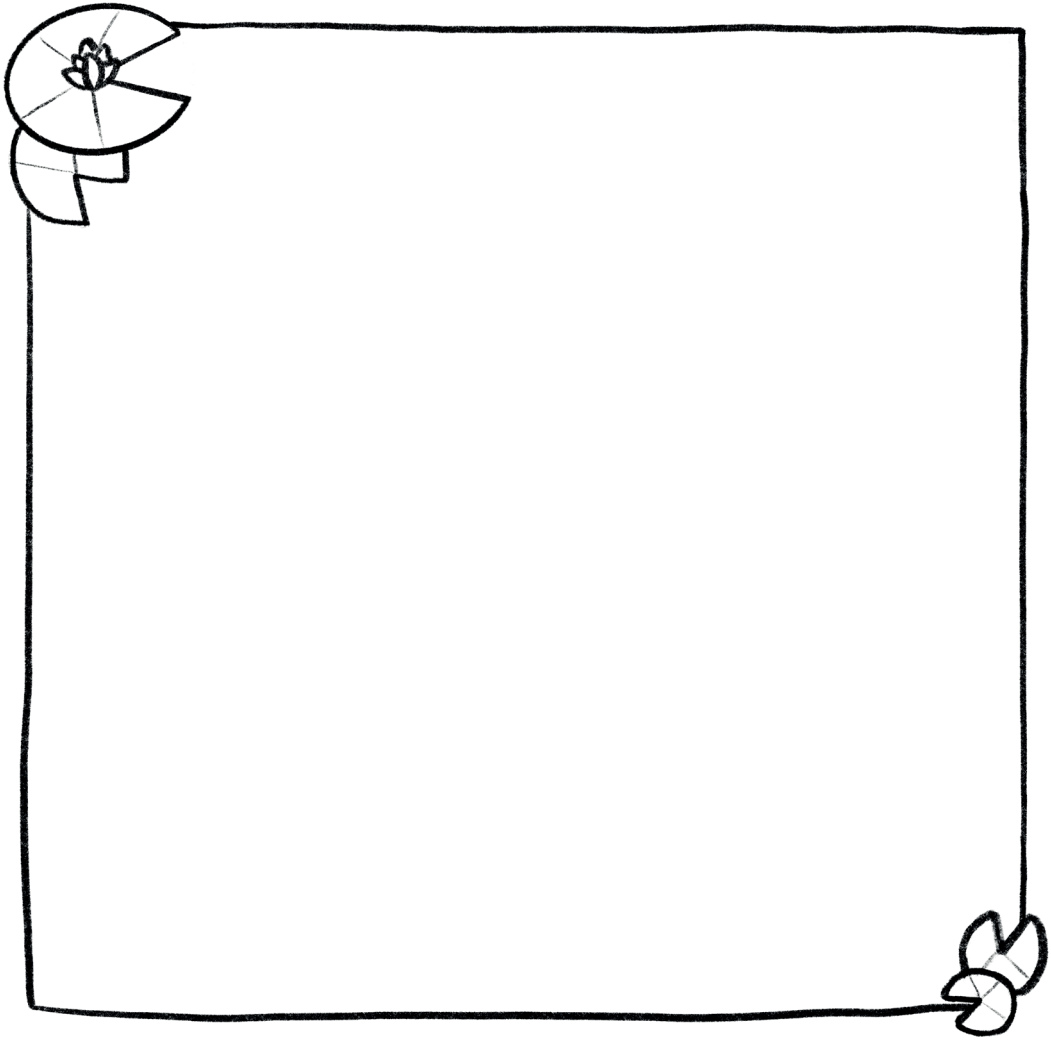
Vic, com sua esperteza e coragem, unida a Moleco, com seu conhecimento e alegria, ainda viverão muitas aventuras.

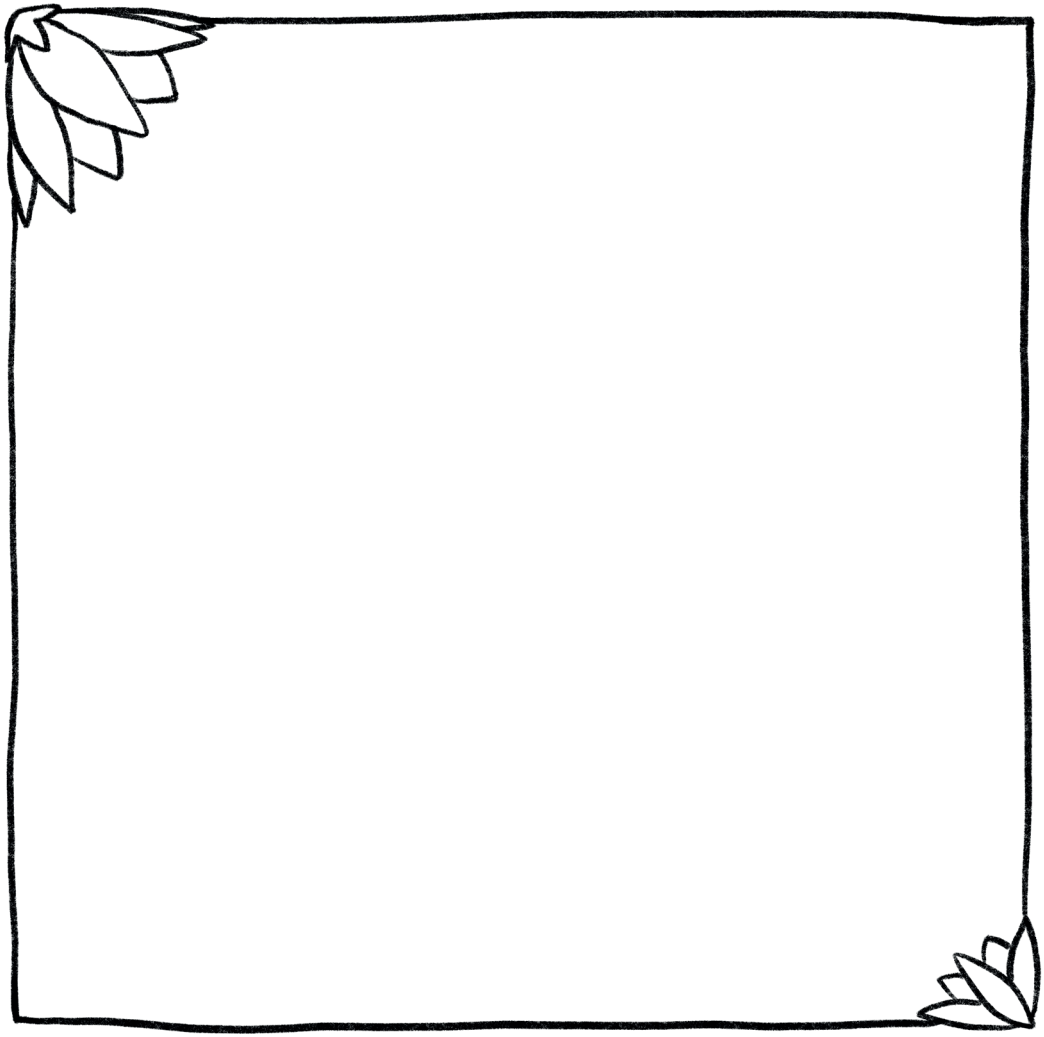


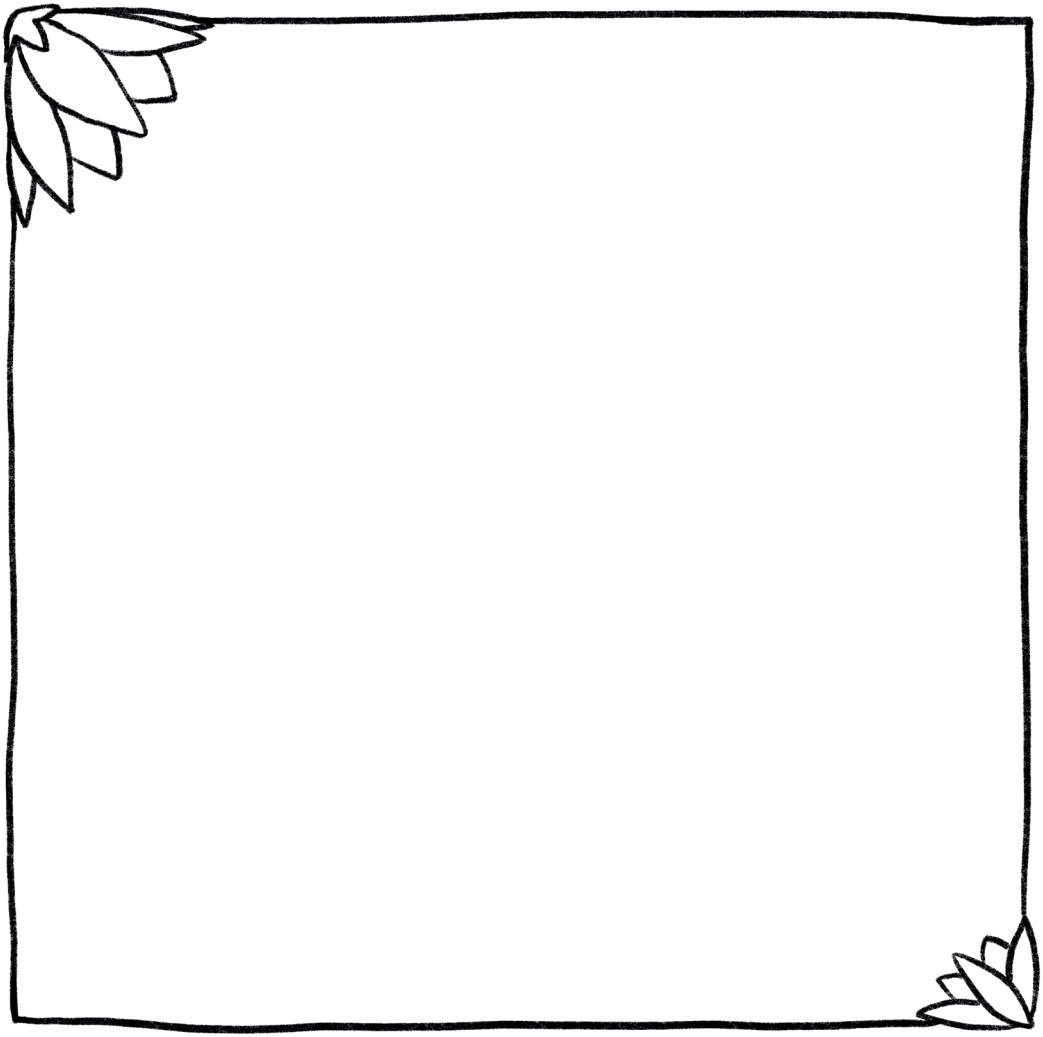
Quais animais eles vão encontrar pelo caminho?
Vão descobrir mais sobre a poluição dos humanos?
Será que conseguirão encontrar águas limpas?
Ajude a continuar essa história.

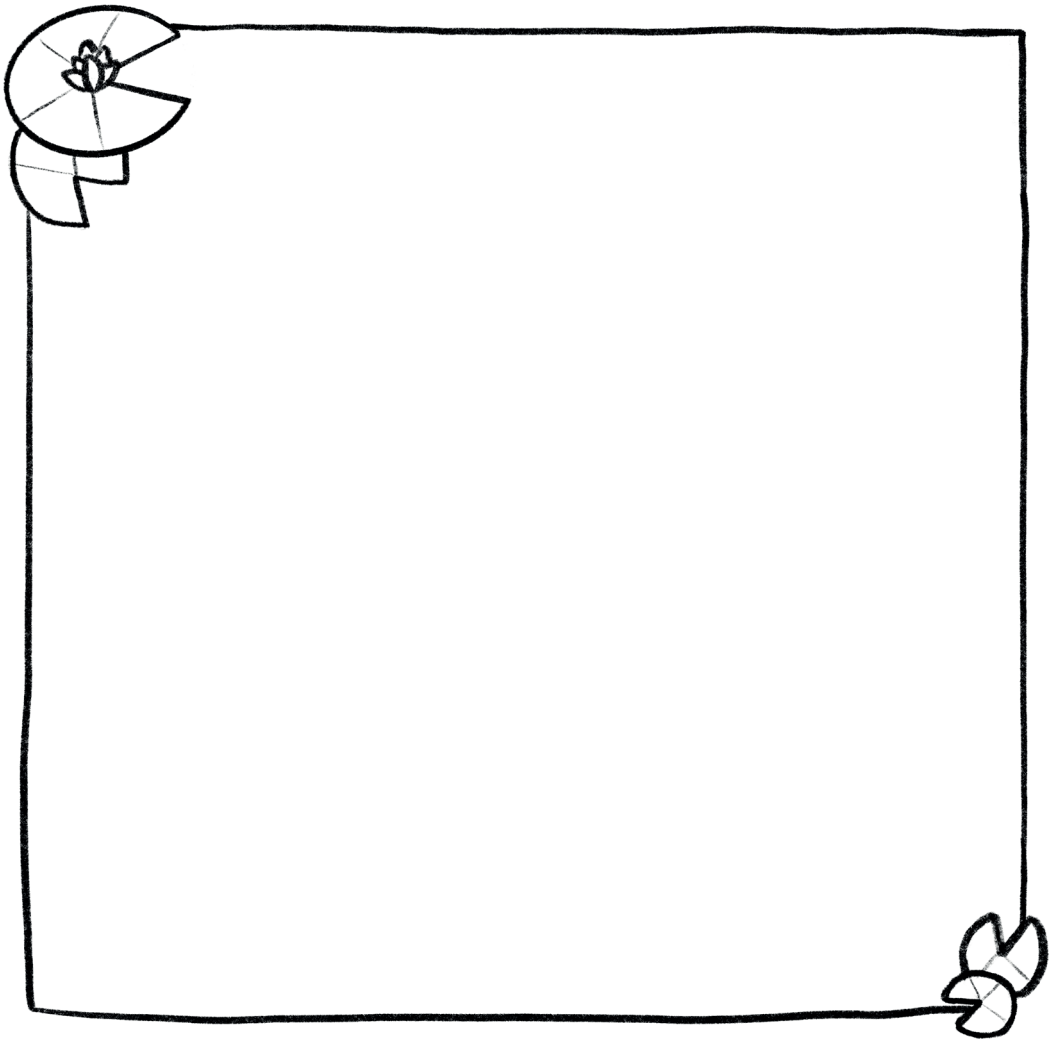


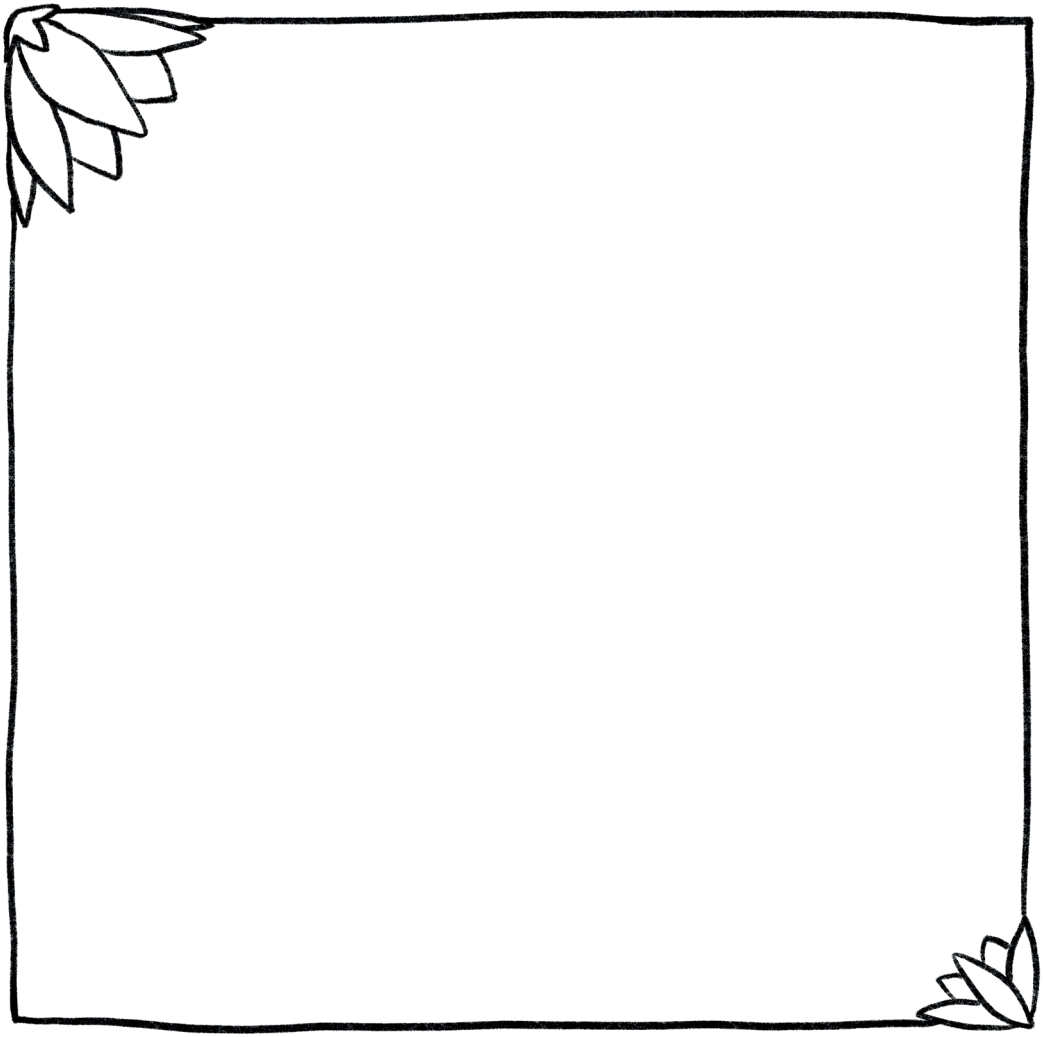












Este material foi elaborado no âmbito do Termo de Execução Descentralizada nº 01/2018, cooperação técnica entre a Fundação Nacional de Saúde e a Universidade Federal Fluminense - Programa de Apoio e Educação em Saúde Ambiental.

Quando uma planta e um animal abandonam seu lar em busca de um ambiente melhor para viver, alguma coisa não está bem. Nessa história vamos acompanhar as aventuras da esperta Vic e do brincalhão Moleco tentando encontrar águas limpas para viver. Não será fácil, pois a poluição humana está atingindo rios, lagos e açudes. Para entender melhor o que está acontecendo, os amigos vão contar com a ajuda dos animais da floresta amazônica e toda sua sabedoria. Será que eles vão conseguir escapar da contaminação das águas?
Confira nessa educativa e divertida história.

PAESA
Programa de Apoio e Educação em Saúde Ambiental

Universidade Federal Fluminense

FUNASA

contato@paesa.com.br

www.paesa.com.br

0800 940 1288